

## JOÃO DANIEL DE SINES

### MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL Nº 20

João Daniel de Sines, soldado, político, jornalista, escritor, filósofo, cientista, polémico e corajoso até ao impossível na defesa das ideias que julgava justas e de interesse comum. Tudo isto envolto numa certa auréola de misticismo que curiosamente se enquadra na sua multifacetada vivência.

João Daniel de Sines, o Raspalhista, nasceu em Sines, em fins de Fevereiro de 1809, filho de Daniel dos Santos e de Catarina de São José. O seu nome de baptismo era João Daniel dos Santos, mas como no batalhão onde prestava serviço militar havia muitos homónimos, começou a ser tratado pelo nome da terra da sua naturalidade que ele orgulhosamente tomou como seu e para a sua família, ficando assim conhecido para a posteridade.

Querendo seus pais que seguisse a vida eclesiástica, ingressou no Seminário de Santarém aí concluindo os preparatórios, mas não se achando vocacionado para aquela carreira, saiu do Seminário e assentou praça no Regimento de Infantaria 4 onde pensava seguir a carreira das armas.

Durante o regime Miguelista aquele Regimento revoltou-se declarando aderir ao Liberalismo.

Sufocado a revolta de João Daniel, então furriel, foi preso e encarcerado no Castelo de S. Jorge. Ali foi torturado, corrido à pedrada e cacete pelos sequazes miguelistas, tendo-lhe o governador do Castelo partido os dentes a murro.

Processado por rebelião pela Comissão Militar miguelista, por interposta influência de amigos, o julgamento foi-lhe avocado para a Justiça Civil, livrando-se assim do fuzilamento. Amnistiado em 21 de Agosto de 1831,



MUNICÍPIO DE SINES

foi transferido para outro regimento com a nota de interveniente em rebelião. Mas a sua têmpera não quebrou. Forçado a incorporar-se no exército miguelista, em 1832, durante o cerco do Porto desertou e, furtando-se às balas das forças absolutistas, atravessou o Douro a nado indo apresentar-se a D. Pedro IV que o colocou no Regimento de Infantaria 10, onde serviu com distinção durante todo o cerco e depois até ao combate da Asseiceira, último da sangrenta guerra civil, lutando sempre com inexcedível coragem na defesa dos seus ideais. Condecorado pelo rei com o hábito da Ordem Militar da Torre e Espada, quando da imposição da insígnia comentou que esta lhe significava o limite entre o despotismo e a liberdade.

Em 16 de Julho de 1840, sendo sargento-ajudante do Depósito de Praças Avulsas, pediu baixa do serviço, justificando o acto por ser responsável pela educação de seus quatro irmãos menores e órfãos, tendo durante algum tempo exercido o magistério em Lisboa como director de uma escola de instrução primária.

Sem nunca perder as suas convicções de defesa intransigente da liberdade, em 1844 foi novamente perseguido e preso na Torre de Belém, agora pelos liberais que após a guerra civil se dividiram em grupelhos, mas acabaram com a inquisição! Ali esteve três anos e meio encarcerado como revolucionário ultra progressista! Durante esse tempo dedicou-se a estudar medicina, seguindo as doutrinas do cientista francês Raspail, daí o seu epíteto, Raspalhista. Prestou extraordinários serviços ao povo português durante a eclosão das epidemias de cólera morbus (1856) e da febre amarela (1857), através da sociedade humanitária Raspalhista, fundada por ele. Reconhecidamente agraciado com a comenda da Ordem de Cristo.

Criticando a classe médica onde cada um dos membros vale mais que um padre ou um fidalgo e alguns dos seus métodos que julgava obsoletos, João Daniel ensinou o povo a preparar um elixir, a Água de Raspail composta basicamente por amónio e cânfora, para evitar a cólera, salvando a vida a milhares de pessoas. Comparando as técnicas raspalhistas com as clássicas, concluiu e publicou na imprensa da época que enquanto a medicina oficial salvou 57% dos seus doentes os métodos raspalhistas que utilizava salvaram 92,5% dos atacados com cólera, pelo que em Lisboa se os tivesse tratado a todos ter-se-iam salvo mais 4.468 pessoas. As suas críticas aos médicos reais acusando-os de deixarem morrer o Rei D. Pedro V e seus irmãos por incompetência, as curas e os seus métodos de prevenção contra o alargamento das epidemias valeram-lhe a inveja de muitos médicos que o processaram a requerimento do Conselho Nacional de Saúde Pública, por



MUNICÍPIO DE SINES

curar de medicina sem habilitações legais. Julgado em 1851 pelo Tribunal de Policia correccional, encarregou-se da sua própria defesa produzindo uma brilhantíssima oração, sendo absolvido.

O povo que enchia o largo fronteiro ao Tribunal da Boa Hora esperando o veredicto, levou-o em ombros, numa enorme manifestação de gratidão.

Mas João Daniel não pára. Liberal por convicção, esteve em todas as crises políticas porque passou Portugal nessa época, lutando corajosamente contra os inimigos ou falsos amigos da Liberdade também como articulista nas páginas dos Jornais O Português e O Patriota onde denunciou a tentativa de entrada em Portugal dos jesuítas, expulsos pelo marquês de Pombal e por leis de D. Pedro IV e que, sob o pretexto da ajuda caritativa aos atacados pelas epidemias enviaram as irmãs da caridade e os lazaristas. Tão fustigantes foram os escritos de João Daniel que foi ameaçado de excomunhão pela igreja se não se retratasse. Não o fez. Não teve medo pois fulminava o Jesuitismo com as armas próprias da religião do Estado; a de Jesus Cristo.

Processado por injuriar a religião católica apostólica romana... e por contestar a infalibilidades da Igreja, foi absolvido por o caso não ofender a lei da Liberdade de Imprensa. Subindo o processo ao Tribunal da relação, este não aceitou a querela por o Ministério Público não especificar quais os dogmas ou doutrinas da religião que foram ofendidos.

Trabalhava dia e noite nas causas que mais prezava: a Liberdade e a defesa dos mais desfavorecidos. Nunca praguejando, lutando tenazmente foi sempre temido e vencedor.

Deixou diversas obras defendendo as suas ideias, algumas de grande interesse histórico e científico, filosófico, como: Jesus Cristo e a Igreja Ultramontana; Dissertação crítica sobre a epidemia de 1857. Os Jesuítas na corte de D. Sebastião; O Jesuitismo Lázaro, o Ultramontanismo ou Farisaísmo modernos e um poema sobre a história dos Papas.

Difícilmente se encontram hoje livros ou opúsculos de sua autoria. A própria Biblioteca Nacional não os possui na totalidade.

João Daniel de Sines faleceu em Lisboa a 19 de Abril de 1878.



MUNICÍPIO DE SINES

Em Sessão solene da Assembleia Municipal de Sines, que teve lugar no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Sines, em 24 de Novembro de 1995, a condecoração foi entregue à sua bisneta, D<sup>a</sup> Maria Adelaide lança Sines Fernandes, por Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco, Presidente da Câmara Municipal de Sines.

Sines, 24 de Novembro de 1995.